A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DIALÓGICA INSTRUCIONAL: DA TEORIA EDUCACIONAL À PRATICA NA ELABORAÇÃO DOS CURSOS AUTOINSTRUCIONAIS DA ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Brasília/DF Maio/2016

Fernando Gianelli Constancio - **Universidade de Brasília - fernandogianelli@gmail.com**

Fabrícia Kelly Alves Ramos da Silva - **Universidade de Brasília - fabricia.kelly@redes.unb.br**

Simone Lucas de O. Aguiar - **Universidade de Brasília - simone.enap@gmail.com**

João Paulo C. Lustosa da Costa - **Universidade de Brasília - joaopaulo.dacosta@ene.unb.br**

Edna Dias Canedo - **Universidade de Brasília - ednacanedo@unb.br**

Rafael Timóteo de Sousa Júnior - **Universidade de Brasília - desousa@unb.br**

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: DESCRIÇÃO DE PROJETO EM ANDAMENTO

Categoria: CONTEÚDOS E HABILIDADES

Setor Educacional: EDUCAÇÃO CORPORATIVA

RESUMO

A utilização de cursos autoinstrucionais por instituições de ensino potencializa o acesso à informação e a novos conhecimentos. O artigo tem como objetivo tratar da elaboração da linguagem dialógica instrucional e sua utilização como um mecanismo que viabiliza a aprendizagem nessa modalidade de curso mediado por tecnologias a partir do processo de desenvolvimento de cursos ADDIE. A pesquisa é um estudo de caso realizado entre a Escola Nacional de Administração Pública e a Universidade de Brasília. Para a coleta de dados utilizou-se a observação participante, técnica de investigação na qual o pesquisador não é um observador passivo, mas participa do objeto estudado. A experiência realizada nos permite concluir que a utilização de grandes recursos tecnológicos não é imprescindível para se possibilitar a aprendizagem online significativa. O que conferirá essa qualidade ao curso é o quanto o conteúdo está associado ao público-alvo. Isso depende da relação bem-sucedida entre o designer instrucional e o conteudista, uma vez que o principal determinante para um curso de qualidade é o trabalho pedagógico.

Palavras-chave: EaD. Design Instrucional. Linguagem Dialógica. Enap.

1. Introdução

A facilidade e a rapidez de acesso à informação, a velocidade com que o conhecimento vem se acumulando e sendo difundido, além da possibilidade de uma comunicação instantânea entre as pessoas, independentemente do local onde se encontrem, favorece à utilização da educação a distância como uma das formas mais efetivas de levar o ensino a um contingente populacional cada vez maior. A particularidade essencial da Educação a Distância (EaD) é a separação no tempo e no espaço de professores e alunos, possibilitando ao educando envolver-se em uma atividade de aprendizagem diferenciada e independente.

Uma característica intrínseca dos cursos autoinstrucionais mediados por tecnologias é a organização de uma série de atividades didáticas para o estudo autodirigido. Isso ocorre pois sua estrutura consiste na apresentação e na disponibilização do conteúdo a ser estudado e, no final de cada unidade, na realização de testes para verificar se os objetivos de aprendizagem foram atingidos, não havendo, portanto, em contraste com os cursos com tutoria, um espaço para socializar dúvidas e receber orientações.

Nesse processo, no qual a aprendizagem acontece de forma individualizada, sem interação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, verifica-se a predominância da perspectiva behaviorista.

Na contramão dessa perspectiva, com grande aceitação entre os profissionais da educação, as correntes construtivista e sócio interacionista fundamentam a maioria dos processos de ensino aprendizagem e enfatizam a importância da interação e da comunicação entre professores e alunos. Desse ponto de vista surgem inúmeras críticas aos cursos autoinstrucionais, as quais fogem do escopo deste artigo.

Na Escola Nacional de Administração Pública (Enap), mais de 90% dos cursos mediados por tecnologias são autoinstrucionais. A fundamentação pedagógica de suas atividades educativas é norteada pelos documentos ‘Plano de Desenvolvimento Institucional’ e ‘Referenciais Orientadores da Proposta Educacional da Enap’, que apontam as competências que se objetiva construir no sujeito aprendiz, bem como o modelo de educação (crítica e reflexiva) que a escola pretende adotar, apoiando-se nos autores Jacques Delors, Malcolm Knowles (andragogia), Paulo Freire, Donald Alan Schön, Phillipe Perrenoud e David Kolb, o que confere à escola um caráter construtivista.

A partir disso, do ponto de vista pedagógico, um novo desafio se coloca na busca cotidiana da Escola pela inovação em seus cursos: conciliar suas diretrizes pedagógicas com a lógica behaviorista da estrutura e da organização dos cursos autoinstrucionais.

Visando desenvolver e garantir a qualidade de seus cursos mediados por tecnologias, bem como o potencial da Educação a Distância, a Enap firmou, em 2013, um termo de cooperação técnica com a Universidade de Brasília (UnB). A partir do acordo proveram-se à Enap soluções tecnológicas e pedagógicas que possibilitaram: o gerenciamento e a hospedagem da Escola Virtual em seu próprio servidor; a implementação do conjunto de métodos, técnicas e recursos empregados no desenvolvimento de cursos denominado *Design* Instrucional ou modelo ADDIE – abreviatura do inglês para *analysis, design, development, implementation e evaluation (*análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação).

Desse contexto de desenvolvimento de cursos estabeleceram-se práticas pedagógicas para aprimorar os cursos de natureza autoinstrucional, de maneira que possam alcançar suas potencialidades. Enquanto a estrutura e a organização desses cursos na Enap se baseiam na lógica

behaviorista, a elaboração do conteúdo e dos exercícios seguem a perspectiva construtivista. Tal perspectiva, alinhada às diretrizes da escola, considera as necessidades dos alunos e busca o processo de ensino-aprendizagem significativo e crítico, considerando que o conhecimento não é algo a ser inserido ou transmitido ao aluno.

O artigo tem como objetivo tratar da elaboração da linguagem dialógica instrucional e sua utilização como um mecanismo que viabiliza a aprendizagem nessa modalidade de curso mediado por tecnologias a partir do processo de desenvolvimento de cursos ADDIE. Está dividido em **5** seções, incluindo esta introdução. Na Seção 2, descreve-se a metodologia utilizada para atingir o objetivo do artigo. Nas Seções 3 e 4, apresenta-se a revisão bibliográfica utilizada neste documento. Conclui-se o artigo na Seção 5.

2. Metodologia

Foi utilizada uma abordagem qualitativa na avaliação da relação entre o *designer* instrucional (DI), na Enap denominado planejador educacional, e o especialista em conteúdo (conteudista). Esse tipo de abordagem, segundo (Yin, 2010), é utilizada preferencialmente para responder a questões “como” ou “por que” algum fenômeno social funciona, apontando que é por meio desse tipo de questionamento que o estudo de caso se torna relevante.

Para a coleta de dados, utilizamos a observação participante na qual a observação não é feita de forma passiva (YIN, 2010). Os pesquisadores na função de DI realizaram a pesquisa durante a concepção de 11 cursos autoinstrucionais e analisaram, a partir do modelo de desenvolvimento de cursos ADDIE, a relação entre os *designers* instrucionais e os 11 conteudistas durante a elaboração dos cursos. Concomitantemente, realizamos a pesquisa documental com o objetivo de compreender o contexto da Enap, as suas diretrizes, os seus processos e o seu papel na sociedade.

Ressalta-se que preservamos a identificação dos conteudistas e não pretendemos emitir juízo de valor sobre os cursos ofertados pela escola.

3. Teoria Pedagógica: construindo cursos autoinstrucionais mediados por tecnologias

O processo de desenvolvimento de novos cursos nos remete à ideia de planejamento, organização, criação de materiais didáticos, concepções pedagógicas e diversos outros conceitos e práticas educacionais. A utilização dos princípios andragógicos, que estabelecem uma abordagem singular para o processo de ensino aprendizagem, oportuniza novas perspectivas e possibilidades para a elaboração do conteúdo da EaD.

Os ideais de Paulo Freire e Malcolm Knowles, quando aplicados ao processo de ensino e aprendizagem online dos cursos autoinstrucionais, transformam a linguagem e os meios para organizar e apresentar o conteúdo. Portanto, quando se almeja criar um curso que permita a aprendizagem significativa, de forma que o aluno construa o conhecimento, são necessários exemplos práticos e contextualizados em sua realidade, bem como a linguagem apropriada ao aluno que aprende sozinho. Destaca-se também a necessidade da utilização de diversas mídias.

No entanto, na EaD, observa-se que mesmo com os grandes avanços tecnológicos o recurso mediático e pedagógico predominante é a linguagem escrita, por ser essa um recurso impregnado em nossa formação cultural, economicamente e socialmente menos oneroso (PRETI, 2000). A redação dos materiais autoinstrucionais deve ser, portanto, essencialmente didática para promover o pensamento reflexivo e a motivação para o aprendizado.

Nos cursos autoinstrucionais, o recurso empregado que atende tanto às limitações econômicas e

tecnológicas quanto às teorias andragógica e construtivista é uma forma específica de comunicabilidade com o leitor por meio do material escrito denominada Linguagem Dialógica ou Linguagem Dialógica Instrucional.

Esse termo é baseado na educação dialógica proposta por Paulo Freire, que aponta a necessidade de uma pedagogia que saiba se comunicar de forma horizontal, A com B e não A sobre B. Afirma ainda que o indivíduo deve ser agente de sua aprendizagem ao mesmo tempo em que pensa e reflete sobre o que está aprendendo, para assim estabelecer uma relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento (FREIRE, 1979).

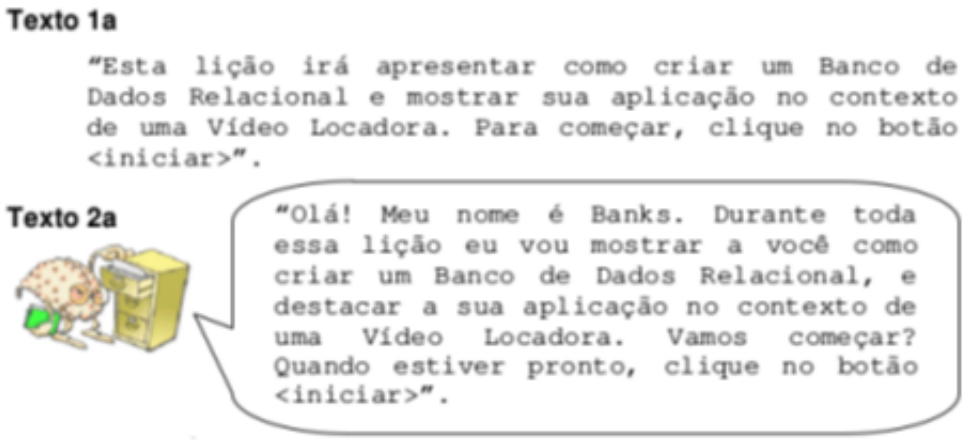
Com a linguagem dialógica Laaser (1997) aponta que se pode criar uma relação pessoal com os alunos por meio de um tom conversacional que se dirige ao aluno como “você” e emprega o “eu” na situação em que o autor se expressa. É como se a “voz” do professor se manifestasse através do material, por meio da educação dialogada. Esse recurso pode auxiliar no sentimento de isolamento do aprendiz, diante da ausência do professor no aprendizado. (SOLETC,2001;LANDIM,1997 apud SOUZA,2006)

Para que a linguagem seja clara e facilmente entendida, os seguintes aspectos devem ser considerados, de acordo com Laaser (1997):

> • os parágrafos devem conter apenas uma ideia principal, ou, talvez, duas ideias relacionadas;
> • as frases devem ser curtas, contendo não mais do que vinte palavras cada uma;
> • use basicamente orações principais, uma vez que elas são mais fáceis de serem seguidas do que orações subordinadas;
> • evite ter orações subordinadas em excesso numa mesma frase;
> • evite ter negações em excesso numa mesma frase;
> • evite o uso da voz passiva, usando verbos ativos e diretos;
> • evite usar em demasia palavras impessoais tais como “este”, “isso” ou o “qual”;
> • use palavras familiares ao leitor, sempre que possível;
> • use palavras concretas;
> • transforme as palavras abstratas em verbos;
> • explique todos os termos técnicos;
> • certifique-se de que todas as suas palavras estão sendo corretamente utilizadas;
> • use expressões idiomáticas com parcimônia;
> • faça a adequação do que você escreve à habilidade de leitura dos alunos. (LAASER, 1997, p.70)

Ao se considerarem os aspectos apresentados por Laaser (1997) na elaboração da redação de um curso autoinstrucional, a compreensão do conteúdo torna-se mais fácil e acessível ao aluno. A comunicação através da linguagem escrita, portanto, não deve ser dificultosa e nem um impedimento para a aquisição do conhecimento. O uso da linguagem dialógica instrucional pode estar associado à utilização de personagens, como na Figura 1.

Figura 1 - Linguagem Dialógica



Fonte: PIVAJUNIOR; FREITAS (2009)

O Texto 1a da Figura 1 foi construído na concepção tradicional, com voz em segunda pessoa. Já o Texto 2a da Figura 1 é uma reconstrução do primeiro texto utilizando os princípios da linguagem dialógica instrucional (JÚNIOR; FREITAS, 2009).

Todas essas constatações teóricas resultam em ações específicas que ao término da produção do curso o caracterizam como uma possibilidade de formação que ultrapassa a ideia dos cursos tradicionais – que consideram o aluno como mero consumidor de informações – para chegar à perspectiva de uma formação na qual o aluno é incentivado a pensar e refletir sobre sua realidade a partir da aprendizagem significativa e que considera seus conhecimentos pregressos. Na Enap, o que fará disso uma realidade são, principalmente, as ações executadas nas etapas de concepção do curso do modelo ADDIE: análise, *design* e desenvolvimento. Note que fazem parte do escopo deste trabalho apenas três etapas do modelo ADDIE.

4. Construindo a Linguagem Dialógica Instrucional na Enap

A elaboração de um curso autoinstrucional deve ser norteada por estratégias pedagógicas e possibilidades tecnológicas. No âmbito da gestão é imprescindível a compreensão de que os aspectos tecnológicos não devem ser priorizados em detrimento dos pedagógicos. Essa circunstância requer, no preparo de um curso mediado por tecnologias, não apenas o especialista no conteúdo ou na temática do curso, mas também profissionais da área de educação que possam organizar o conteúdo de acordo com aquilo que é conhecido a respeito da teoria e prática do gerenciamento da informação e da teoria do aprendizado". (MOORE;KEARSLEY, 2011)

O trabalho didático-pedagógico do conteúdo, no qual identifica-se a necessidade do diálogo com os leitores através do texto, deve ser apresentado de forma criativa, acompanhado de outras mídias como, por exemplo, ilustrações, figuras, infográficos, vídeos, personagens, símbolos, jogos e outros recursos visuais ou de interação. As Figuras 2, 3 e 4 são exemplos de como a Enap aplica a linguagem dialógica junto a outras mídias com o objetivo de sensibilizar e orientar o estudante para a aprendizagem, de forma a atender os princípios andragógicos e construtivistas.

Figura 2 - Linguagem dialógica

Fonte: Enap

Figura 3 - Organizador Dica

Fonte: Enap

Figura 4 - Imagem Ilustrativa

Fonte: Enap

Durante as observações na produção dos cursos, foi possível constatar que mesmo com o

domínio do conteúdo, a grande maioria dos conteudistas, 10 de 11 observados, desconhece como se dá a aprendizagem online e apresentam a tendência de reproduzir no ambiente virtual o formato de uma aula presencial. A correção dessa tendência se dá justamente na atuação do planejador educacional, o qual instrui o conteudista a refletir sobre o que se pretende que o aluno aprenda com a temática ou assunto abordado.

A realização desse trabalho exige inicialmente que o *designer* instrucional projete a ação educativa baseado em conhecimentos que envolvem a caracterização do público-alvo, objetivando reconhecer suas necessidades educacionais, as competências que possuem e quais precisam adquirir. Para reunir essas informações, desenvolveu-se na Enap o documento estruturante Análise Contextual.

Utilizado na **Análise**, primeira fase do modelo ADDIE, com o objetivo de nortear os envolvidos no processo de desenvolvimento, esse documento reúne questões divididas em 11 temáticas referentes aos aspectos pedagógicos, que determinarão a abordagem do conteúdo e a gestão. Os dados referentes à gestão permitem reconhecer e descrever o papel da instituição demandante na sociedade, sua experiência com a EaD, o tamanho estimado do público-alvo e se a capacitação envolverá outros eventos de aprendizagem.

Com exceção do público-alvo, todos os sujeitos são envolvidos na produção dos cursos e mesmo quando o conteudista é contratado em um período posterior, ele pode tomar conhecimento dos dados colhidos através da Análise Contextual.

Por outro lado, um aspecto que poderia ser melhor trabalhado nessa primeira etapa é o diagnóstico do público-alvo, que fica restrito às informações fornecidas pelo representante da instituição demandante. Uma solução viável seria a realização de uma pesquisa online a ser respondida diretamente pelos futuros cursistas.

Concomitantemente à produção da Análise Contextual, o planejador educacional deve se apropriar da temática do curso. Para isso o planejador deve pesquisar estruturas de cursos diversos sobre mesma temática; comparar o conteúdo programático de fontes externas, identificando aspectos que o curso deve conter; verificar links/sites que podem ser referências e analisar diversas possibilidades pedagógicas para se trabalhar a temática.

Ao adotar essas ações, o planejador educacional terá os subsídios necessários para dialogar com o conteudista na próxima etapa (***Design***), com a finalidade de fazer proposições e sugestões sobre o conteúdo e assim instruir o conteudista a refletir sobre como o aluno pode aprender a temática ou o assunto. Dessa reflexão surgem associados ao objetivo geral, os objetivos específicos de aprendizagem, que são estabelecidos a partir do entendimento do problema educacional determinado na Análise Contextual.

Ainda na fase de *Design*, o planejador educacional e o conteudista norteiam seu trabalho através do Roteiro de Atividades de Ensino (RAE), instrumento que objetiva auxiliar no planejamento da elaboração do curso, uma vez que nele o conteúdo é apresentado de forma esquemática, organizada e integrada com o propósito de descrever como deverão ser desenvolvidos o conteúdo e as atividades em busca dos objetivos de ensino aprendizagem propostos.

Na terceira fase do ADDIE, **desenvolvimento**, o conteudista já compreende o funcionamento da educação mediada por tecnologias e alguns princípios da aprendizagem online de forma que inicia a produção do conteúdo escrito do curso. Trata-se de colocar em prática todo o planejamento das fases anteriores: personagens, imagens, animações e vídeos. Essa etapa acontece de maneira complexa, enquanto o especialista escreve o conteúdo são produzidos os

recursos multimídias ao mesmo tempo.

Quando finalizada a elaboração do conteúdo, esse trabalho é encaminhado ao Planejador Educacional que realiza uma análise e faz propostas de inserção de imagens, personagens com o uso da linguagem dialógica instrucional a partir dos conceitos andragógicos no conteúdo. Posteriormente, é marcada uma reunião entre o *designer* e o conteudista em que são apresentadas e discutidas as propostas no conteúdo.

As três fases iniciais do modelo ADDIE requerem o trabalho em conjunto entre o planejador educacional e conteudista. Nesse trabalho é importante que sejam considerados, durante todo o processo de produção do conteúdo dos cursos, os aspectos educativos fundamentados nas correntes pedagógicas sob pena de não se realizar a construção do conhecimento, de forma que este se torne significativo ao educando.

5. Conclusão

Ao buscarmos a compreensão sobre como é produzida a linguagem dialógica autoinstrucional identificamos que algumas ações específicas na concepção do curso tornam essa modalidade de educação uma possibilidade de formação na qual o aluno é incentivado a pensar e refletir sobre sua realidade a partir da aprendizagem significativa, considerando seus conhecimentos pregressos. Nos cursos produzidos no âmbito do termo de cooperação entre a Enap e a UnB os recursos mais utilizados são o texto escrito e as imagens ilustrativas. A Enap, portanto, desenvolve seus cursos com recursos midiáticos simples.

A experiência da Enap nos permite concluir que a utilização de grandes recursos tecnológicos não é imprescindível para se possibilitar a aprendizagem online significativa. O que conferirá essa qualidade ao curso é o quanto o conteúdo está associado ao público-alvo. Isso depende da relação bem-sucedida entre o planejador educacional e o conteudista, uma vez que o principal determinante para um curso de qualidade é o trabalho pedagógico.

6. Referências Bibliográficas

Escola Nacional de Administração Pública. Referenciais Orientadores da Proposta Educacional da Enap. 2010.Disponível em: http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/1657. Acessado em 30/10/2015.

Escola Nacional de Administração Pública. *Plano de Desenvolvimento Institucional*, 2014.

FILATRO, Andrea. *Design institucional na prática*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*.Tradução Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação, vol.1.

LAASER, W.(org.) *Manual de criação e elaboração de materiais para a educação a distância*. Brasília:Editora da Universidade de Brasília, 1997.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: uma visão integrada.* São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PIVA JR, Dilermando. FREITAS,Ricardo Luis de. MISKULIN,Rosana Giaretta Sguerra. *Linguagem Dialógica Instrucional: A (re)construção da linguagem para cursos online*. ABED.2009. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/MariaAureaAlbuquerqueSousa.pdf. Acessado em 25/10/2015.

SOUSA, Maria Áurea Albuquerque. *Linguagem instrucional no ensino à distância: uma análise da usabilidade de instruções de cursos online de leitura em inglês*. 2006. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/MariaAureaAlbuquerqueSousa.pdf. Acessado em 25/10/2015.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos.* 4. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010.